



CMG (FN) Dirlei Donizette Côdo
dirlei@marinha.mil.br

Operações em Amplo Espectro para o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais



O CMG (FN) **Dirlei** realiza atualmente o Curso do *Professional Military Education PREP e Marine Corps War College – Quantico – VG*. É oriundo da Escola Naval, realizou todos os cursos de carreira, sendo digno de destaque, o Curso de Estado Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS) da EGN, em 2012. Realizou também o Curso Especial de Comandos Anfíbios, o Expedido de Paraquedista e o Especial de Dobragem, Manutenção de Paraquedas e Suprimentos pelo ar. Serviu em diversas OM dentre elas o Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais – Batalhão Tonelero – e o Grupamento de Fuzileiros Navais de Ladário. Comandou o 2ºBtlInfFuzNav – Batalhão Humaitá. Integrou o Grupo de Assessoramento Técnico de Fuzileiros Navais (GAT-FN) na Namíbia, e foi observador na Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental.

Amplo Espectro - Conceitos

A Estratégia Nacional de Defesa (BRASIL, 2020) afirma que convém organizar as Forças Armadas em torno de capacidades, não em torno de inimigos específicos, pois o Brasil, em tese, não tem inimigos declarados no presente e para não tê-los no futuro é preciso preservar a paz e preparar-se para a guerra.

A citação acima descreve a inexistência de inimigos como se apresentavam nas batalhas até meados do século XX, já a partir do final da Guerra Fria, o termo “inimigo” passa a coexistir com o termo “oponente” ou similares, sendo que este último não necessariamente se apresenta ostensivamente como se fazia no passado, usando uniformes, portando bandeiras e defendendo os interesses de seu país. Conflitos bélicos entre Estados são cada vez mais raros. Na atualidade, não se sabe com clareza quem é o inimigo ou oponente, por isso que a preparação das tropas e a obtenção de meios devem estar focadas na capacidade de realizar múltiplos tipos de operações.

As Operações no Amplo Espectro enfatizam que os conflitos atuais envolvem não somente o combate entre oponentes armados, os meios são empregados de forma simultânea ou sucessiva, combinando atitudes ofensivas, defensivas,

de pacificação, de Garantia da Lei e da Ordem, apoio a Instituições Governamentais nacionais ou internacionais e de Assistência Humanitária, como também operações interagências. Nesse cenário, pode-se verificar a intensa proliferação de conflitos assimétricos.

W. Lind et al. (1989) em seu artigo *The Changing Face of war: by into the Fourth Generation* declara que os conflitos assimétricos apresentam características próprias, tais como a grande dispersão geográfica, a inexistência de limites claros entre não-combatentes e combatentes ou entre a guerra e a paz, e que há predominância de eventos em áreas urbanas, pois é neste ambiente que as Forças Irregulares conduzem a maioria de suas ações, não havendo mais frentes ou linhas de contato com o inimigo. O conceito de quatro gerações de guerras modernas tem o propósito de classificá-las e apresentar o que atualmente seria a suposta guerra de quarta geração.

Sendo que as guerras de primeira geração se referem às antigas e clássicas batalhas com uso intenso do poder de combate, usando falanges, colunas, linhas de soldados uniformizados sob a égide de um país; as guerras de segunda geração usam táticas mais modernas com o uso de mosquetes, rifles, metralhadoras e tiro indireto; as guerras de terceira geração focam no estado da arte da tecnologia, com

emprego de meios e táticas que privilegiam a velocidade, proteção blindada e surpresa para ultrapassar as linhas inimigas e atingir sua retaguarda e causar o colapso do sistema defensivo inimigo, nessa geração já não é mais buscado o combate aproximado, mas sim manobrar com suas forças para obter o máximo de vantagem tática.

A guerra de quarta geração é normalmente vista como aquela em que os conflitos envolvem países que perderam a capacidade de impor ordem dentro de suas fronteiras, guerras civis, atuação de atores não estatais, diferenças étnicas, raciais ou religiosas, e também dissidências de militares convencionais. Lind et al. (1989) considera como sendo “pós-moderna”, havendo uma volta a formas descentralizadas de guerra.

Depreende-se que neste ambiente de Operações no Amplo Espectro, onde não se tem informações seguras das forças que se opõem as nossas, não se tem limites traçados e que os tipos de ações podem evoluir rapidamente, com sucessivas mudanças de atitude, os objetivos, por conseguinte, devem ser traçados por fases e induz-se que a regulação da manobra seja curta, devido a incerteza gerada por tantos fatores.

Three Block War

O conceito de Guerra em Três Quarteirões (*Three Block War*) foi idealizado pelo antigo Comandante do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América (USMC) General Charles C. Krulak (1995-1999) baseado nas experiências de estados falidos, tais como a Somália e a ex-Iugoslávia nos idos de 1990, que corrobora com o conceito supracitado de W. Lind et al. (1989) sobre as mudanças nas faces da guerra dentro da quarta geração.

Figura 1: *Three block war*



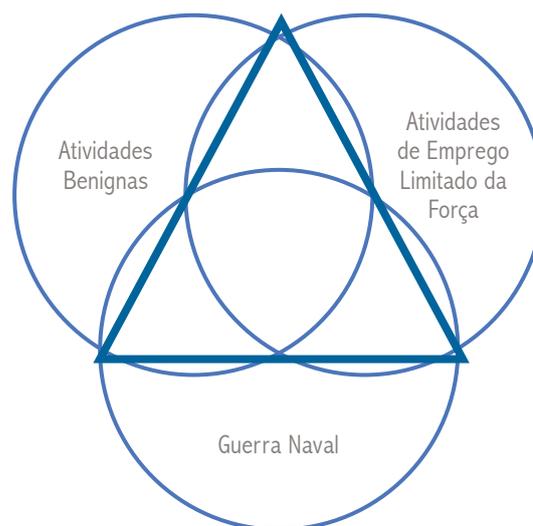
Fonte: <<https://i.pinimg.com/originals/2c/f1/49/2cf14936c5ae4af0c4ac57ddf7647c66.jpg/>>

General Krulak (in ZEIGLER, 2014) vislumbrou que os futuros campos de batalha seriam essencialmente urbanos, assimétricos, com pouca ou nenhuma distinção entre combatentes e não-combatentes, sendo que diversos eventos ocorreriam

ao mesmo tempo em um espaço de terreno limitado: “Em um momento, nossos militares estarão distribuindo alimentos e roupas para refugiados civis, provendo Assistência Humanitária. No momento seguinte, estarão entre duas ou mais facções rivais, conduzindo Operações de Paz; e finalmente envolver-se-ão em batalhas letais de razoável intensidade. Tudo isso no mesmo dia, tudo isso ao longo ou no interior de três quarteirões da mesma cidade ou vilarejo”.

A Doutrina Militar Naval (EMA-305) (BRASIL, 2017) estabelece três formas de aplicação do Poder Naval: na Guerra Naval, que resumidamente pode-se considerar como o emprego convencional da força em um conflito armado; nas Atividades de Emprego Limitado da Força, que são conflitos de menor intensidade, tais como Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), Operações de Paz, Evacuação de Não-Combatentes (ENC), entre outras; e nas Atividades Benignas, que são Operações Humanitárias, Assistência Cívico-Social, Socorro, cooperação com a Defesa Civil e outras.

Figura 2: Modelo de *Grove* adaptado ao Poder Naval Brasileiro



Fonte: EMA-305 - DOCTRINA MILITAR NAVAL (DMN)

Verifica-se que o modelo de *Grove* adaptado ao Poder Naval brasileiro apresenta áreas de interseção no emprego do Poder Naval, de forma que poderão coexistir ações de Guerra Naval com Atividades de Emprego Limitado da Força e Atividades Benignas.

As missões passam a ter perfis de combate distintos, abrangendo todo amplo Espectro de Operações Militares, variando de simples ações de mitigação aos efeitos danosos de desastres naturais, passando por conflitos de baixa intensidade, podendo chegar a conflitos de alta intensidade, em curto período de tempo e no mesmo local.

Neste ambiente multifacetado impõe-se a necessidade de organização das forças de combate, de forma que se possa

modular ou regular a intensidade da aplicação dessas forças de acordo com o “quartirão” que se apresenta, considerando-se que não haverá tempo suficiente para mudar o tipo de tropa, assume-se que o mesmo soldado desempenhará múltiplas tarefas em ambientes que podem mudar ao se cruzar a esquina, alternando sua postura operacional de acordo com a situação.

Um aspecto importante a ser considerado deve ser a presença da população no campo de batalha. No passado, quando as guerras explodiam, o povo fugia das zonas em conflito ou era evacuado, mas com o grande desenvolvimento das cidades e o crescimento da população mundial que se concentrou em polos urbanos, a onipresença de civis no combate é praticamente certa, pois a maioria não abandona suas casas porque não tem outro lugar para ir, ficar em casa era uma opção muito ruim, abandoná-la era uma opção pior. Mesmo aqueles que abandonam suas cidades também se tornam um problema para as operações militares, pois o estabelecimento de campos de refugiados ou deslocados pode criar pontos de tensão, além dos movimentos migratórios por estradas que podem afetar o fluxo das Estradas Principais de Abastecimento.

Essa população primeiramente deve ser protegida de efeitos colaterais e também estudada e analisada, para se verificar qual influência acarretará a presença das forças militares em atuação. Por conseguinte, verifica-se a necessidade do estudo do “Terreno Humano” ou “Terreno Cultural”, como ele se apresenta e o que se pode esperar, se atitudes positivas, se negativas ou neutras, se o ambiente é permissivo ou hostil?

Constata-se a necessidade de prover as forças de combate com especialistas para trabalhar com este Terreno Humano/Cultural, tais como: historiadores, economistas, religiosos, antropólogos, arqueólogos, psicólogos, tradutores, juristas, entre outros, que atuarão de forma integrada para traçar os perfis da população e dos atores em conflito e também aqueles que podem mesmo indiretamente influenciar nas ações a serem desencadeadas.

Acrescenta-se a esse teatro a presença da imprensa, o chamado “Efeito CNN”, todas as ações são disseminadas em tempo real pela mídia, os combates são mostrados ao vivo, on-line, para uma audiência internacional. Mais do que isso, com a popularização dos telefones celulares, dispositivos móveis em geral e o aumento das coberturas de internet, qualquer um de posse de um desses aparelhos, seja combatente ou não-combatente, pode gravar o que está ocorrendo e em questão de momentos, a gravação pode viralizar para o todos com acesso às redes sociais.

Strategic Corporal

Como as ações passam a ser essencialmente descentralizadas e praticamente vistas pelo mundo, as atitudes dos líderes de pequenas frações crescem de importância, pois a atitude de qualquer soldado pode tomar proporções estratégicas, ou seja, implicações futuras relevantes para a missão. Caso a atitude seja vista de forma positiva pela opinião pública através da internet, as implicações serão positivas para o desenrolar das operações, por outro lado, se a atitude do Cabo Estratégico for vista de forma negativa, as consequências também serão, como pode ser ilustrado na figura abaixo, em que Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América num primeiro momento ganham corações e mentes interagindo com crianças e outro extremo quando também Fuzileiros urinam em corpos de membros do Talibã.

O soldado na frente de combate deve ter a iniciativa de agir de forma independente, tomar a melhor decisão de forma rápida e adequada perante a situação apresentada. General Krulak (in ZEIGLER, 2014) afirma que a preparação do Cabo Estratégico passa por três passos:

O primeiro seria a preparação moral do combatente, com valores bem fundamentados, respeito à dignidade humana, conhecimento cultural e o compromisso de se fazer o melhor possível. O segundo passo seria a preparação técnica-profissional, ou seja, o militar deve ser um especialista em sua área, sendo proficiente em suas habilidades, além de possuir o condicionamento físico necessário para manutenção de sua higidez física e desempenho de tarefas que exijam esforço muscular.

O terceiro passo seria a assimilação de bons exemplos vistos no passado, estudo de casos reais que servem de padrão ou referência em situações similares.

Figura 3: Dois lados do Cabo Estratégico



Fonte A: <<http://4.bp.blogspot.com/-WAdKZlx0Z9Y/T2CII5BdNAI/AAAAAAAAACs/mOFALXl1P5E/s1600/corporal.jpg/>>

Fonte B: <<http://3.bp.blogspot.com/-wxa5I3VC-0o/T2CCKY4kEul/AAAAAAAAAC8/NPxmOHUnSg/s1600/marineurinatejpg-8eb96a9aed36a8f1.jpg/>>

Campo de Batalha do Século XXI

Acredita-se que os conflitos de quarta geração serão preponderantes no século XXI, a preferência será pelo ambiente urbano, com vantagens para o defensor, a população é

o Terreno a ser conquistado pelos lados em conflito, o uso de explosivos improvisados e obstáculos é intenso, a fim de dificultar e canalizar o movimento de tropas.

Considera-se que os grupos adversos serão terroristas, organizações criminosas nacionais e transnacionais, espões, forças convencionais atuando de forma não-convencional, forças paramilitares, mercenários, atiradores de precisão, *hackers* entre outros, sempre usando celulares para coordenar suas ações ou para transmitir a situação e deslocamento de tropas. Eles poderão executar ações contra instituições privadas ou órgãos públicos, contra infraestruturas críticas, pirataria, fogos de artilharia de tubo e de foguetes, ataques cibernéticos, crimes ambientais, entre outros.

Figura 4: Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais



Fonte: <<https://cryptome.org/info/ik25/pict279.jpg>>

O Fuzileiro Naval individualmente deve estar apto para atuar no amplo espectro das operações, estar pronto para mudar de atitude conforme muda de “quarteirão”. Os passos para preparação dos nosso Cabos Estratégicos, de acordo com o General Krulac (in ZEIGLER, 2014), já vem sendo dados, ao se inculir em todo combatente anfíbio o valor essencial de honra, e tudo o que ela representa, atingindo assim o passo referente ao moral; os valores essenciais de competência e profissionalismo fazem alcançar

níveis de excelência e proficiência técnica, atingindo o passo referente à capacitação técnica-profissional; e o valor essencial determinação induz a seguir firme no cumprimento das tarefas recebidas, se inspirando em bons exemplos que servem de guia, atingindo o terceiro passo.

O Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) é uma forma de organização para o emprego de tropa de Fuzileiros Navais, constituída para o cumprimento de missão específica e estruturada segundo o conceito de componentes, que agrupa elementos constitutivos, de acordo com a natureza de suas atividades (BRASIL, 2020).

A definição de GptOpFuzNav denota flexibilidade para emprego e atuação em diversos ambientes, como também o fato da organização em componentes aliviar o Comandante do GptOpFuzNav de diversas decisões nos níveis mais baixos da organização e, assim, contribuir para que ele possa realizar em melhores condições, contatos com autoridades locais e coordenações de alto escalão com outros participantes da operação.

Uma possibilidade é atribuir responsabilidades diferentes a cada componente, pelo menos quando a situação assim exigir, levando em consideração os níveis de violência e diferentes ambientes, sejam eles: permissivos, hostis ou neutros, podendo haver variação de preponderância de emprego entre os componentes, podendo o esforço principal ser transferido de um componente para outro de acordo com a evolução da situação. Enquanto prevalecer o combate convencional ou assimétrico, a preponderância das ações do CCT é maior, já no caso de Assistência Humanitária, o esforço maior passa para o CASC.

A característica de Expansibilidade do GptOpFuzNav, com capacidade de receber missões já estando embarcado, e planejar as ações durante a travessia para a Área de Operações, configurando de acordo com os fatores da decisão como será sua atuação, fornece flexibilidade desejada para atuar no amplo espectro de operações. Cenários que podem evoluir ou coexistir com o emprego de um Elemento Anfíbio atuando em Assistência Humanitária que pode evoluir para o emprego de uma Unidade Anfíbia em GLO ou ENC, podendo evoluir em seguida para o emprego de uma Brigada Anfíbia em operações convencionais de guerra naval. O contrário também pode ocorrer passando da Guerra Naval para Atividades Benignas após a estabilização do cenário.

O Conjugado Anfíbio, traduzido em uma Força Naval e um GptOpFuzNav embarcado com meios aeronavais em apoio, proporciona as condições apropriadas para a condução de ações no amplo Espectro de Operações, pois as características do Poder Naval de mobilidade, permanência,

versatilidade e flexibilidade permitem posicionar a força onde se faz necessário, mantê-la pelo período possível e desejado, alterar a postura militar de acordo com a evolução do cenário e modular a Força de acordo com a necessidade.

O eixo estruturante - Guerra de Manobra – orienta a atribuição de tarefas pelo efeito desejado e ampla divulgação da Intenção do Comandante, que asseguram certo grau de flexibilidade e de iniciativa aos subordinados que podem reagir em melhores condições às alterações de situação. A Ação ditada pelo Reconhecimento permite redirecionar seus esforços, não só procurando superfícies e brechas, mas buscando qual é o tipo de “quarteirão” a frente, tentando identificar com um mínimo de antecedência a postura a ser assumida.

Quanto às Funções de Combate nas Operações em Ampla Espectro, pode-se afirmar:

- Função de Combate Manobra: grande descentralização dos meios, com prevalência de infiltrações terrestres e aéreas.
- Função de Combate Inteligência: cresce de importância a utilização de Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARP), drones, radares, patrulhas de reconhecimento, análise de imagens, etc, a fim de aumentar a consciência situacional.
- Função de Combate Apoio de Fogo: também descentralizado, tenta-se minimizar os danos colaterais e produção excessiva de escombros que afetam a mobilidade da tropa.
- Função de Combate Logística: a necessidade de estar preparado para atuar em diferentes ambientes com os

mesmos combatentes implica em ter disponível todo material necessário, essa situação dificulta o transporte e aumenta o peso que o Fuzileiro Naval tem que transportar. Obtenção de recursos locais e lançamento de suprimentos pelo ar podem contribuir.

- Função de Combate Comando e Controle: o alto grau de descentralização da tropa exige muito esforço de comunicações e estabelecimento claro de medidas de coordenação e controle.
- Função de Combate Mobilidade e Contramobilidade: necessidade de remoção de escombros, reparo de pontes e desativação de artefatos explosivos são tarefas a serem desempenhadas, entre outras.
- Função de Combate Proteção: uso de viaturas blindadas e proteção balística individual contribuem para conservação da capacidade de combate.

Conclui-se que as características apresentadas pela Guerra de Quarta Geração com atuação no amplo espectro das operações e as constantes incertezas dos cenários exigem alto grau de desenvolvimento das tropas para se contrapor as ameaças que se apresentam à paz mundial, contudo a preparação individual do Fuzileiro Naval baseado nos valores essenciais de honra, competência, profissionalismo e determinação, os eixos estruturantes de GptOpFuzNav, Operações Anfíbias e Guerra de Manobra, os conceitos de Conjugado Anfíbio e Expansibilidade, todos esses aliados às características do poder naval de mobilidade, permanência, versatilidade e flexibilidade permitem fazer frente a esses novos desafios.



Referências

BRASIL. Marinha. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN 0-1: Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro, 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **EMA 305: Doutrina Militar Naval**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília, DF, 2020.

FERREIRA, Renato Rangel et al. Três quarteirões em Porto Príncipe: o desenvolvimento do Fuzileiro Naval para o combate no século XXI. **Revista Marítima Brasileira**, v. 137, n. 10/12, p. 20-35, Rio de Janeiro, out. nov. 2017.

ZEIGLER, Matt. **Three Block War: US Marines in Iraq**. Publicação do autor, 2014.

LIND, W. et al. The changing face of war: into the Fourth Generation. – **Marine Corps Gazette**, v. 73, n. 10, p. 22-26, oct. 1989.

STERN, Jessica; BERGER, J.M. **ISIS: the state of terror**. London: William Collins, 2015.

MOREIRA, Gilberto Barbosa. Operações no Ampla Espectro: contribuições de um grande Comando Operativo. **Doutrina Militar Terrestre em Revista**, v. 1, n. 2, p. 70-79, abr./jun. 2013.